



## REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA DO 3º ANO DO ENSINO MÉDIO: INVISIBILIZAÇÃO E POSSIBILIDADES DE INCLUSÃO

*Eixo Temático 45 - Debates e atravessamentos a respeito da discussão sobre Gênero, Sexualidades e Diversidade Sexual no Ensino Médio / Axis 45 - Debates and intersections regarding the discussion of Gender, Sexualities, and Sexual Diversity in secondary education (presencial)*

Hugo Ferreira de Jesus<sup>1</sup>  
José Miranda Oliveira Júnior<sup>2</sup>

### RESUMO

O trabalho propõe analisar a presença das identidades de gênero e sexualidade nos livros didáticos de História do 3º ano do ensino médio, considerando seu papel na formação crítica dos alunos. A pesquisa analisará os livros História do passado e presente: Século XX aos dias de hoje (2016), História: das cavernas ao terceiro milênio (2016) e Ciências Humanas e Sociais Aplicadas: Conflitos e desigualdades (2020), para identificar padrões de exclusão e possíveis avanços ou retrocessos na abordagem do tema. O objetivo é propor formas mais equitativas de inclusão da diversidade de gênero e sexualidade no ensino de História.

**Palavras-chave:** Ensino de História, Identidade de gênero, Invisibilização, Livros didáticos, Sexualidade.

### INTRODUÇÃO

A escola, como ambiente de diversidade, torna-se um campo de conflitos sobre identidades de gênero e orientação sexual, temas que estão presentes nas conversas entre jovens e amplamente difundidos nas redes sociais. A cultura digital, ao oferecer informações em grande volume e velocidade, muitas vezes leva a análises superficiais. Como reflexo dessa sociedade, as relações de gênero e sexualidade vivenciadas pelos alunos no cotidiano são constantemente trazidas para o ambiente escolar. E essas diferenças são visíveis a todo

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - Uesb, [202020610@uesb.edu.br](mailto:202020610@uesb.edu.br);

<sup>2</sup> Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - Uesb, [jose.junior@uesb.edu.br](mailto:jose.junior@uesb.edu.br);



momento, mesmo quando não se é solicitada, o que se torna uma oportunidade para ser questionada e problematizada (Seffner, 2020).

O ensino de História possui grande potencial para abordar criticamente questões de sexualidade e identidade, ao analisar como essas categorias foram historicamente construídas e transformadas. A partir de um currículo que vá além da visão biológica tradicional, é possível estimular a consciência crítica dos alunos e incluir perspectivas que contemplem sujeitos fora do status quo. É importante observar que a sexualidade é uma construção contínua, e a escola deve responder às demandas dos estudantes, tornando-os agentes ativos no processo histórico e social (Louro, 2001).

No entanto, nos deparamos com os livros didáticos de história que desempenham um papel central na formação da visão de mundo dos estudantes e muitas vezes é o único material didático disponível aos professores (as). O intuito deste trabalho é analisar e pensar nas possibilidades de construção de livros didáticos mais equitativos, tendo em vista investigar se e como a diversidade de gênero e sexualidade são abordadas nos livros didáticos de História do 3º ano do ensino médio, sendo eles: *História do passado e presente: Século XX aos dias de hoje* (2016), da Gislane Azevedo e Reinaldo Sériacopi, *História: das cavernas ao terceiro milênio* (2016), das autoras Patricia Ramos e Myrian Becho e o *Ciências Humanas e Sociais Aplicadas: Conflitos e desigualdades* (2020), organizado por Patrícia Ramos Braick *et al.*

## **A INVISIBILIZAÇÃO DAS QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA**

Os livros didáticos de História são essenciais para mediação do conhecimento histórico escolar. Apesar disto, é trivial que temáticas relacionadas a gênero e sexualidade sejam negligenciadas ou tratadas de forma superficial. Essa omissão contribui para a manutenção de estereótipos e para a marginalização de grupos historicamente oprimidos. Deste modo, observamos que os livros didáticos influenciam a educação escolar ao definir conteúdos, formas de ensino, concepções, abordagens, estratégias e recursos, moldando assim os elementos que compõem o ensino nas diferentes disciplinas (Chaves; Garcia, 2014).

A disciplina de História desempenha funções na representação de identidades, seja ela cultural, política e social. Buscando pelo resgate da memória e das relações de poder nas mais diversas sociedades, contribuindo para o conhecimento crítico. Porém, ainda temos uma



narrativa positivista, sob o ponto de vista dos grandes feitos dos os grandes heróis, que tem como centralidade personagens homens, brancos, cisgêneros e heterossexuais, excluindo de forma significativa qualquer indivíduo que não atenda essas características. Questões essas, que se pode perceber nos livros didáticos, que muitas vezes, usam desses preceitos como a única visão de mundo que existe.

Com o avanço da extrema direita e do conservadorismo, tem se intensificado o pânico moral em torno das discussões de gênero e sexualidade nas escolas, impulsionado por movimentos como “escola sem partido” e a ideia de “ideologia de gênero” (Seffner, 2020). Esse cenário reflete uma crescente influência de uma lógica neoliberal aliada a um autoritarismo religioso, comprometendo a laicidade da educação pública. O apagamento dessas temáticas nos currículos e livros didáticos não é acidental, mas sim uma estratégia articulada, pois tanto sua presença quanto seu silenciamento envolvem disputas de poder.

## ANALISANDO OS LIVROS DIDÁTICOS

A escolha dos livros didáticos foi pensada com o intuito de explorar como se deu as construções dos livros didáticos do ensino médio, a partir do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) do Ensino Médio de 2018 e 2021. A escolha por analisar os livros didáticos parte do interesse em compreender como o Estado brasileiro, por meio de suas políticas públicas, orienta e regula o conteúdo pedagógico que chega às salas de aula, e se houve avanço ao longo deste tempo.

O livro *História do passado e presente: Século XX aos dias de hoje* (2016) da editora Atica, adota uma abordagem tradicional da história, fazendo comentários pontuais à participação das mulheres, mas sem uma problematização, dentro do processo histórico. Reduzindo a figuras excepcionais, como sufragistas e líderes políticos, sem trazer de forma mais significativa a participação destas dentro da conjura dos acontecimentos. Quando analisado a comunidade LGBTQIAPN+, possui menção dentro de fatos históricos, sem menções diretas a personagens ou movimentos históricos. Portanto, não fica entendido que as questões de gênero e sexualidade estão mais presentes de forma biológica, sem considerar seu caráter socialmente construído ao longo do tempo. Reforçando uma narrativa convencional.



Já em *História: das cavernas ao terceiro milênio* (2016), em comparação ao primeiro onde percebemos que há uma tentativa de incluir a participação dos sujeitos, ainda que de forma pontual e sem grandes aprofundamentos. Este em questão traz uma narrativa histórica com grande apagamento, na diversidade de gênero e sexualidade. A participação das mulheres na história é mínima e, quando mencionadas, são retratadas de maneira secundária, sem análise das desigualdades que enfrentaram ao longo do tempo e para além disto, não menciona a participação delas como parte do processo histórico, ou seja, a representação feminina ocorre de forma esporádica. A comunidade LGBTQIAPN+ é completamente ignorada, não possui qualquer referência a personagens ou movimentos históricos. O livro não apresenta discussões sobre a construção social do gênero e da sexualidade, reforçando um viés tradicionalista. É mais uma vez a historicidade das relações de gênero e sexualidade não é abordada, e o material assim como o outro, perpetua uma visão biologizante dessas categorias.

Por fim, *Moderna Plus: Ciências Humanas e Sociais Aplicadas: Conflitos e Desigualdades* (2020) representa um avanço em relação aos demais, trazendo discussões sobre desigualdade de gênero e direitos LGBTQIAPN+. A participação feminina é explorada com mais profundidade, incluindo seu papel em movimentos sociais e políticos, ainda assim, sem a devida inserção na narrativa histórica geral. A comunidade LGBTQIAPN+, o livro menciona a luta por direitos e os desafios enfrentados por essa população, principalmente na contemporaneidade. Contudo, a abordagem se limita a uma perspectiva de direitos humanos, sem destacar personagens LGBTQIAPN+ ao longo da história. Um avanço significativo é o reconhecimento das relações de gênero e sexualidade como construções sociais e as reflexões sobre seu impacto em diferentes contextos históricos.

Apesar de alguns avanços, a abordagem de gênero e sexualidade no livro didático permanece restrita ao século XX, sem aprofundar períodos anteriores. Por pertencer a uma coleção interdisciplinar, o conteúdo histórico é limitado, com poucos espaços para análises críticas mais complexas. Temas como gênero e sexualidade são mencionados, mas carecem de uma historicização mais detalhada, revelando lacunas na representação desses grupos ao longo da história.

## **POSSIBILIDADES DE INCLUSÃO E ABORDAGENS ALTERNATIVAS**



A ausência de representações de indivíduos que rompem com normas de gênero e sexualidade nos livros didáticos de História evidencia um apagamento que reforça desigualdades e limita a compreensão da diversidade humana. Reconhecer essas lacunas é o primeiro passo para transformá-las. Mesmo sem mudanças estruturais imediatas, é possível promover reflexões e intervenções no cotidiano escolar. Para tornar o ensino de História mais inclusivo, é fundamental revisar currículos, reformular abordagens didáticas, incentivar a interdisciplinaridade e investir na formação dos professores. É de suma importância a ampliação de personagens femininas e LGBTQIAPN+ nos materiais didáticos, já que atualmente essas figuras são pouco mencionadas ou aparecem de forma secundária. Incluir suas trajetórias de forma mais abrangente contribuiria para uma visão histórica mais completa.

Por exemplo, é possível debater como as mulheres sempre estiveram presentes nas guerras, muitas vezes como vítimas, outras como enfermeiras, contudo dentro da Primeira Guerra exigiu uma participação mais efetiva. Dentro do contexto, muitas sufragistas lutavam pelo direito de servir das mulheres, e outras foram trabalhar nas fábricas de munições. Abrindo assim um estímulo para a abertura de novas oportunidades de emprego e direitos civis. Onde podemos citar nomes como Edith Cavell (1865-1915), enfermeira-chefe de um hospital da Cruz Vermelha. Dentro da Segunda Guerra, temos a presença das Bruxas da Noite, esquadrão de mulheres soviéticas, que era oficialmente chamado 588º Regimento de Bombardeiros Noturnos, sendo jovens, em sua maioria adolescentes voluntárias, que tiveram que superar o ceticismo e o machismo da época e sobreviver ao terror da guerra.

Pensando dentro da comunidade LGBTQIAPN+, personagens como Marsha P. Johnson, ativista, drag queen e performer americana que lutou pelos direitos LGBTQIAPN+, sendo resistência no The Stonewall Inn em 28 de junho de 1969, sua História pode contribuir bastante para a compreensão sobre comunidades e lutas, revelando características específicas da comunidade, como arte, cultura e dança. Permeando a Segunda Guerra, pode-se abordar redes clandestinas de apoio que tentavam ajudar prisioneiros gays e lésbicas a escapar ou sobreviver nos campos. Trazendo a memória, de Gad Beck, um homem judeu e gay, que ajudaram a resgatar pessoas perseguidas pelo regime nazista, arriscando suas vidas para salvar judeus e outros grupos perseguidos.

Uma metodologia a ser explorada a trabalhar esses personagens e movimentos, dentro do campo da História seria a ideia de Micro-História. Que busca examinar um campo ou aspectos reduzidos, ou seja, parte do específico para o geral (Barros, 2007). Utilizando destes



grupos que são marginalizados, contradizendo a tradição histórica oficial, aqueles que foram derrotados — sejam mulheres, pessoas LGBTQIAPN+, indígenas ou camponeses — que frequentemente aparecem apenas como notas de rodapé, quando aparecem. No entanto, a micro-história permite reconstruir suas trajetórias, demonstrando muitas vezes que suas mortes físicas não sepultaram suas trajetórias, mantendo vivo a memória. É usar de suas vivências e analisar de forma crítica, passando significados de resistência e comunidade.

A formação continuada dos professores é fundamental, pois muitos ainda não possuem preparo adequado para abordar questões de gênero e sexualidade em sala de aula, o que pode gerar insegurança e resistência diante desses temas. Em 2004, foi criado o programa *Brasil sem Homofobia*, com o objetivo de promover a educação e transformar comportamentos entre gestores públicos, incentivando atitudes de não aceitação à discriminação e assumindo o combate à violência como princípio de ação (BRASIL, 2004). No entanto, com o avanço do neoconservadorismo na educação e a difusão de ideias como “escola sem partido” e a suposta “ideologia de gênero”, tem se tornado cada vez mais desafiador para as instituições escolares — professores, gestores e demais profissionais — se organizarem e trabalharem essas temáticas de forma efetiva e acolhedora.

## CONCLUSÃO

A ausência de referências a mulheres e pessoas LGBTQIAPN+ e suas contribuições para a História resulta em uma visão parcial e excludente do passado. No entanto, “para ensinar história a João é preciso entender de ensinar, de História e de João” (Caimi, 2015, p.111), ou seja, é preciso sabermos das demandas dos nossos alunos (as). E pensar na inserção destes temas, pois existem alunos (as) que não se identificam com o modelo heteronormativo dominante, que são excluídos ao não se sentirem representados. Além disso, reforçando os preconceitos e dificultando a compreensão de dinâmicas históricas essenciais para a formação cidadã.

Ao longo do trabalho discutimos e questionamos essa forma, em especial o uso do livro didático, que às vezes se torna o único apoio do professor em sala e como este ainda segue desatualizado e sem referências concretas. Para tornar o ensino de História mais inclusivo, é necessário repensar as formas de ensinar, compreendendo as realidades dos alunos e superando visões biologizantes sobre gênero e sexualidade. Muitos livros ainda



tratam essas categorias como naturais e fixas, o que reforça estereótipos e exclui identidades diversas. É preciso adotar uma abordagem que reconheça o gênero e a sexualidade como construções sociais e históricas, destacando suas transformações, lutas e contribuições ao longo do tempo.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Gislane; SÉRIACOPI, Reinaldo. **História do passado e presente: século XX aos dias de hoje**. São Paulo: Ática, 2016.

BARROS, José D' Assunção. **Sobre a feitura da micro-história**. *OPSIS*, Catalão, v. 7, n. 9, p. 48, jul./dez. 2007.

BRAICK, Patrícia Ramos et al. **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas: Conflitos e desigualdades**. São Paulo: Moderna, 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Brasil sem homofobia: programa de combate à violência e à discriminação contra GLBT e de promoção da cidadania homossexual**. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

CAIMI, Flávia Eloísa. **O que precisa saber um professor de história?** *História & Ensino*, Londrina, v.21, n.2, p.105-124, jul/dez. 2015.

CHAVES, Edilson Aparecido; GARCIA, Tânia Maria F. Braga. **Avaliação de livros de História por alunos do ensino médio**. *Espaço Pedagógico*, v. 21, n. 2, Passo Fundo, p. 336-357, jul./dez. 2014.

LOURO, Guacira Lopes (org.) **Pedagogias de sexualidade**. In: **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**; Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 11.

RAMOS, Patrícia; BECHO, Myrian. **História: das cavernas ao terceiro milênio**. São Paulo: Saraiva, 2016.

SEFFNER, Fernando. **Sempre atrás de um buraco tem um olho: racionalidade neoliberal, autoritarismo fundamentalista, gênero e sexualidade na Educação Básica**. *Práxis educativa*, Ponta Grossa, v. 15, pp. 1-19, 2020.